

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Karin Bezerra de Oliveira

O Romance Psicológico e o Existencialismo Sartreano na obra *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

Trabalho Temático entregue aos
professores do 2º Semestre da Faculdade
de Biblioteconomia e Ciência da
Informação – FaBCI da Fundação Escola
de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo
2013

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	ROMANCE PSICOLÓGICO E FLUXO DE CONSCIÊNCIA	3
3	EXISTENCIALISMO SARTREANO	5
4	EXISTENCIALISMO SARTREANO EM AS MENINAS.....	7
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	8
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	10

1 Introdução

Esse trabalho tem como objetivo mostrar as características do Romance Psicológico e do fluxo de consciência na construção da narrativa da obra *As Meninas*. Além disso, como se deu a influência do pensamento Existencialista de Sartre na escrita do livro *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

2 Romance psicológico e fluxo de consciência

O Romance Psicológico surge a partir do final do século XIX e início do século XX, juntamente com as pesquisas e estudos no campo da psicologia. Um dos primeiros precursores desse tipo de romance foi o autor Dostoiévski, com a obra *Memórias do subsolo*.

De acordo com E-dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, o romance psicológico é aquele

[...] cujo centro do universo semântico é o funcionamento da mente humana. [...] A sua importância determina uma concepção de realismo sujeita ao modo como uma mente humana apreende o exterior. Todos os romances ditos psicológicos têm em comum o entendimento do mundo a partir de uma personagem ou do narrador, que se transforma no lugar dos seus pensamentos. (CEIA, 2013)

De forma mais clara e sucinta, o romance psicológico é aquele no qual a trama ocorre na consciência dos personagens.

Se fizermos talvez um estudo mais aprofundado da obra *As Meninas*, poderíamos até categorizar a obra como um Romance de Introspecção, já que, de acordo com Massaud Moises, a história “invade a subconsciência e a inconsciência, o que equivale a perquirir o mundo da memória, dos sonhos, dos devaneios, dos monólogos interiores, dos lapsos de linguagem, das associações involuntárias.”

Essa explicação de Moises é altamente percebida ao longo de toda obra, pois podemos perceber o discurso das personagens construído em cima dessa introspecção, como podemos notar na fala de Ana Clara:

Já está lá sentadinho com o pãozinho na mão tem sempre um me cutucando pra fazer amor e outro me esperando em alguma mesa. Vou da cama pra mesa e da mesa pra cama. Bloqueada agora lembro bloqueada. “É só comigo que você é assim fria?”, ele perguntou. Aquele escamoso. Anão pretensioso. É que sou virgem meu bem. Me desculpe mas sou virgem e virgem não pode vibrar como. Ele então me olhou com aquele olho indecente e riu. Tudo pivô, pomba. Pensa que só eu. Também ele com dinheiro e tudo entrou bem em matéria de dente. Infância pobre, ombro pobre, cabelo pobre. Tenho um metro setenta sete. Sou modelo. Uma

beleza de modelo. O que mais você quer? Bastardo. Se esta cabeça me desse uma folga, pomba. Queria ter uma abobora em lugar de cabeça mas uma abobora bem grande e amarelona. Contento. Semente torrada com sal é bom pra lombriga, ainda tenho o gosto também daquele remédio nojento. Não quero a semente mãe quero a história. Então à meia-noite a princesa virava abobora. Quem me contou isso? Você não mãe que você não contava história contava dinheiro. A carinha tão sem dinheiro contando o dinheiro que nunca dava pra nada. “Não dá”, ela dizia. Nunca dava porque era uma tonta que não cobrava de ninguém. Não dá não dá ela repetia mostrando o dinheirinho que não dava embolado na mão. Mas dar mesmo até que ela deu bastante. Pra meu gosto até que ela deu demais. Uma corja de piolhentos pedindo e ela dando. O mais importante foi o Doutor Algodãozinho. (TELLES, 2009, p. 37-38)

Os fatos são narrados a partir de monólogos interiores, nos quais mostram os sonhos, desejos, ideia, vontades entre outros sentimentos e sensações que as personagens pensam e acham de si e também das outras personagens.

Ela empurrou o prato para mais perto porque estou comendo biscoito e os farelos. Mas esta menina só pensa na cinza ou no farelo que pode sujar o tapete? É só isso que preocupa essa cabeça? E também esse M.N. que deve ser uma bela besta, ô! Tenho agora vontade de dar urros porque ela já começou a dobrar a barra da minha calça, todas as vezes que visto esta calça ela vem correndo e começa a dobrar a bendita barra. Daqui a pouco vai buscar o pentinho branco. Começo a rir. (TELLES, 2009, p.212)

Todo esse monólogo interior se dá a partir de um dos elementos característicos do Romance Psicológico: o fluxo de consciência.

Uma das grandes dificuldades na leitura da obra foi justamente o uso que Telles fez do fluxo de consciência na construção da narrativa. Em alguns momentos fica até difícil acompanhar a trama ou simplesmente compreender qual era o personagem que estava com voz ou sendo retratado.

De acordo com William James em seu trabalho “The Stream of Consciousness”, o “conceito de fluxo de consciência se refere ao turbilhão de pensamentos na mente consciente, isto é, toda a gama de impressões, sensações, raciocínios que se desenrolam em nível superficial”.

Em As Meninas isso é claramente percebido nas vozes dos personagens. Sabemos exatamente o que elas estão pensando, sentindo e o que acham em todas as situações presentes na história. É como se tivéssemos dentro de suas mentes. O pensamento não é linear e sim um grande emaranhado de ideias, sentimentos e sensações que ao mesmo tempo acabam contando a história.

3 Existencialismo Sartreano

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um grande filósofo do Século XX. Seu pensamento se baseava na seguinte expressão “*a existência precede a essência*”. Essa expressão se tornou fundamental para entender o existencialismo Sartreano.

O que significa aqui dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição, porque, de início, não é nada: só posteriormente se define será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1987, p 6)

Para compreender um pouco melhor a questão da existência humana:

Sartre define duas categorias que constituem a existência humana e que convivem no tempo: o ‘em-si’ (*en-soi*), que corresponde ao mundo material, àquilo que se situa fora do sujeito, e o ‘para-si’ (*pour-soi*) o mundo da consciência, aquilo que te a existência *por si mesmo*, a realidade humana. (PEDRA, 2010, p 18)

No Existencialismo de Sartre, o homem é livre para fazer suas escolhas e ser responsável por elas e por tudo que está a sua volta. A partir disso podemos definir que há três princípios muito importantes para a compreensão desse pensamento filosófico: o engajamento, a liberdade e a má-fé.

De acordo com a visão de Sartre,

Engajamento significa a necessidade de se estar voltado para a análise da situação concreta em que se vive, solidário nos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e se compromete na ação. (ARANHA; MARTINS, 2003, p 357)

Outro conceito muito importante para o entendimento do pensamento que Sartre defende é a má-fé. Para o Existencialismo Sartreano,

A má-fé é a atitude característica de quem finge escolher, sem na verdade escolher. Imagine que seu destino está traçado; aceita as verdades exteriores, “mente” para si mesmo e simula ser o próprio autor dos seus atos, já que aceitou sem críticas os valores dados. Não se trata de uma mentira, pois esta supõe os outros para quem mentimos, enquanto a má-fé se caracteriza pelo fato do indivíduo dissimular para si mesmo, com o objetivo de evitar fazer uma escolha pela qual possa se responsabilizar. (ARANHA; MARTINS, 2003, p 358).

Então a má-fé é o refúgio daqueles que não suportam a angústia que o ato de fazer escolhas traz, é a negação da liberdade.

O último conceito tratado é justamente o da liberdade. No livro *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre retrata, além dos outros conceitos anteriormente citados, sobre a liberdade relacionando esse conceito com o homem e a responsabilidade que ele possui pelos seus atos.

O homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz. (SARTRE, 1987, p.9)

Com esse raciocínio Sartre nos diz que o homem está condenado a ser livre e plenamente responsável pelo faz, mas também responsável pelos outros homens:

Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de por todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1987, p.6)

Sartre sintetiza bem os conceitos retratos nesse trabalho quando fala sobre a liberdade dos outros:

Queremos a liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo essa liberdade, descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa. Sem dúvida, a liberdade, enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. De tal modo que, quando, ao nível de uma total autenticidade, reconheço que o homem é um ser em que a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre que só posso querer a sua liberdade, quaisquer que sejam as circunstâncias, estou concomitantemente admitindo que só posso querer a liberdade dos outros. (SARTRE, 1987, p.19)

Ou seja, o homem, através do engajamento, é livre e plenamente responsável por si. Porém ele também é responsável pelos outros e sua liberdade também depende da liberdade dos outros. O homem que não assume responsabilidades vive em má-fé.

4 Existencialismo Sartreano em As Meninas

Ligia Fagundes Telles é considerada uma autora da Geração de 45, ou seja, ela faz parte do terceiro movimento do Modernismo. Em geral, as obras dessa geração tem características voltados para a forma, sem preocupação com o conteúdo. O Romance Psicológico, o romance de introspecção e fluxo de consciência são características bem presentes nas obras e autores pertencentes dessa geração.

Lygia Fagundes Telles teve contato direto com todo o pensamento Sartreano quando o próprio Sartre vem ao Brasil juntamente com sua companheira, Simone de Beauvoir, no início da década de 60. Sartre defendia o uso da literatura como uma arma de engajamento para transmitir a sociedade os problemas políticos e sociais que assolam uma nação. Ele chamava essa literatura de *literatura engajada*.

Em *As Meninas*, podemos notar a influência do Existencialismo na escrita da obra e também os conceitos dessa filosofia na formação da personalidade dos personagens.

Lia é a personagem baiana de classe média, estudante de Ciências Sociais e ativista política, preocupada com situação social e econômica do país. Na construção dessa personagem, é notável a ideia do engajamento que Sartre fala. Lia está solidária aos acontecimentos sociais, é militante de esquerda na luta contra a ditadura em seu país. Com esse engajamento, ela está voltada para a ação, se compromete agindo em prol do outro e assim obtendo a liberdade no qual o pensamento existencialista defende. É em Lia que os conceitos existencialistas de Sartre estão em mais evidência. Contudo, Lia se vê um pouco dividida, ligada as raízes familiares, motivados, principalmente por sua vida amorosa.

Lorena, já é totalmente diferente de Lia. Nascida em uma família tradicional burguesa de São Paulo, vive no pensionato, em seu pequeno mundo. A sensação que temos é que ela vive em uma redoma de vidro, no qual o lado interior é um mundo perfeito e sem problemas. Lia não escolhe, tem medo das responsabilidades que as escolhas trazem. Com isso, ela fica quase que num total isolamento, negando a realidade, “Lorena prefere observar a vida através da segurança da janela [...]” (PEDRA, 2010, p 96). O conceito de má-fé é fortemente apresentado nessa personagem. Ela é conformada, não parte para a ação e o compromisso com o outro, com a humanidade. Está muito ligada com a tradição e com a ordem. Esse comportamento só irá mudar um pouco no final da trama com a morte de Ana Clara.

Na personagem de Ana Clara não notamos nitidamente os pressupostos existencialistas. Ela é a personagem marginalizada. Filha de uma mulher que possui uma vida amorosa e sexual um tanto quanto duvidosa (algumas críticas da obra diziam que ela era prostituta), Ana Clara na maior parte do livro era retratada dentro de um quarto, drogada, em conversas totalmente *nonsense*¹ com o namorado Max. É uma personagem que não possui ação. Diferente da Lia que escolheu a ação, o engajamento e da Lorena que escolheu não escolher, Ana Clara não escolhe. As condições miseráveis de sua infância e adolescência não lhe dá o direito de escolha. Vive uma vida sonhando com a possibilidade de ascensão através do casamento com um homem rico, porém, no qual Ana Clara não gosta. As metas que tanto quer alcançar para sair da miséria e viver a vida que tanto sonhou são apagadas com seu comportamento nulo e impotente, ocasionando o seu fim trágico.

5 Considerações Finais

A proposta desse trabalho foi justamente mostrar a construção da narrativa e do foco narrativo influenciado pelas características pertinentes a Geração de 45 do Modernismo, no qual Telles faz parte. Além disso, a influência que autora teve do Existencialismo Sartreano na construção do caráter das três personagens do livro. Podemos classificar o livro como uma obra importante para a compreensão de sua época. A forma sutil e, talvez, até subliminar que Telles teve em retratar a geração que vivia nos traz estranheza e dificuldade em entender suas verdadeiras intenções, já que se tratava dos momentos mais incertos e confusos do período da Ditadura Militar no Brasil. A forma como a obra foi elaborada com uma preocupação na forma e um foco narrativo às vezes muito confuso deixa o leitor um pouco atordoado. Por essas razões, e também outras, o romance *As Meninas* é classificado como um Romance Psicológico. Alguns autores até defendem a classificação como um Romance de Introspecção, com grande uso do recurso de fluxo de consciência. É notável a influência em Telles dos pressupostos do existencialismo Sartreano, como engajamento, liberdade e má fé, podem ser observados na construção da personalidade das personagens Lia, Lorena e Ana Clara.

¹ Segundo o Dicionário Houaiss, *nonsense* significa frase, linguagem, dito, arrazoado etc. desprovido de significação ou coerência; absurdo disparate. Pode ser, também, conduta contrária ao bom senso. Fonte: HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

As Meninas é um livro de difícil leitura e requer uma concentração extra para sua compreensão. A narrativa não possui uma linearidade de pensamento o que torna mais cansativa e penosa a sua leitura. Contudo, é um livro rico, preocupado com a forma sem esquecer o conteúdo e com o compromisso de retratar os problemas da sociedade de uma época.

6 Referências Bibliográficas

ABBAGNAN, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; Martins, Maria Helena Pires. **Filosofando**: uma introdução. 3 ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003.

CEIA, Carlos. **E-dicionários de Termos Literários de Carlos Ceia**. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/index.php>> Acesso em: 11 de novembro de 2013

JAMES, William. **Psychology: the briefer course**. New York, Dover Publications, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 9. ed. São Paulo (SP) : Cultrix, 1991. 270 p.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 733 p.

O LIVRO DA FILOSOFIA. São Paulo: Globo, 2012. 352 p.

PEDRA, Mabel Knust. **SOMBRAS SILENCIOSAS**: estranheza e solidão em Lygia Fagundes Telles e Edward Hopper. 2010. 196 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**: romance. São Paulo: Cia das Letras, 2009. 301 p.